



SOFIA BATALHA

REZOS DO VENTO E DO BARRO

*Um Livro Ritual
Entre Lume e Névoa*

Entre lume e névoa, as palavras voltam a ter corpo.
Aqui, o ego é barro que respira, o colonizado é raiz que recorda,
o pensar é vento que desaprende a mandar.

Cada conto reza o mundo com a voz da terra viva, onde o
humano se desfaz em húmus e o mito volta a ensinar o real.

Que estas páginas não se tornem memória inerte, nem inspiração congelada. Não são conteúdo nem pedem pressa, mas continuação em presença.

Se citares, partilhares ou ecoares este trabalho, honra a fonte. Cada palavra tecida aqui nasce da minha experiência incorporada, limitada e situada—*de centenas de horas de escuta, estudo e entrega, sem apoio institucional, sem fundos ou garantias*. Referenciar não é formalidade, é ética e cuidado com as tramas e corpos envolvidos e que sustentam o livro que tens agora na mão.

Não esqueçamos que este trabalho é feito sobre chão instável. Assenta em plataformas que extraem violentamente minerais, águas e vidas dos territórios onde os nossos olhos raramente pousam. Não há neutralidade. A tecnologia que usamos, a infraestrutura que sustenta este encontro, tudo isso implica custos ecológicos e sociais profundos. Este livro também tem uma pegada. Que nos lembre do que ainda precisa de ser transformado.

Edições Corpo-Lugar

Uma edição original Sofia Batalha

Título: *Rezoz do Vento e do Barro — Um Livro Ritual Entre Lume e Névoa*

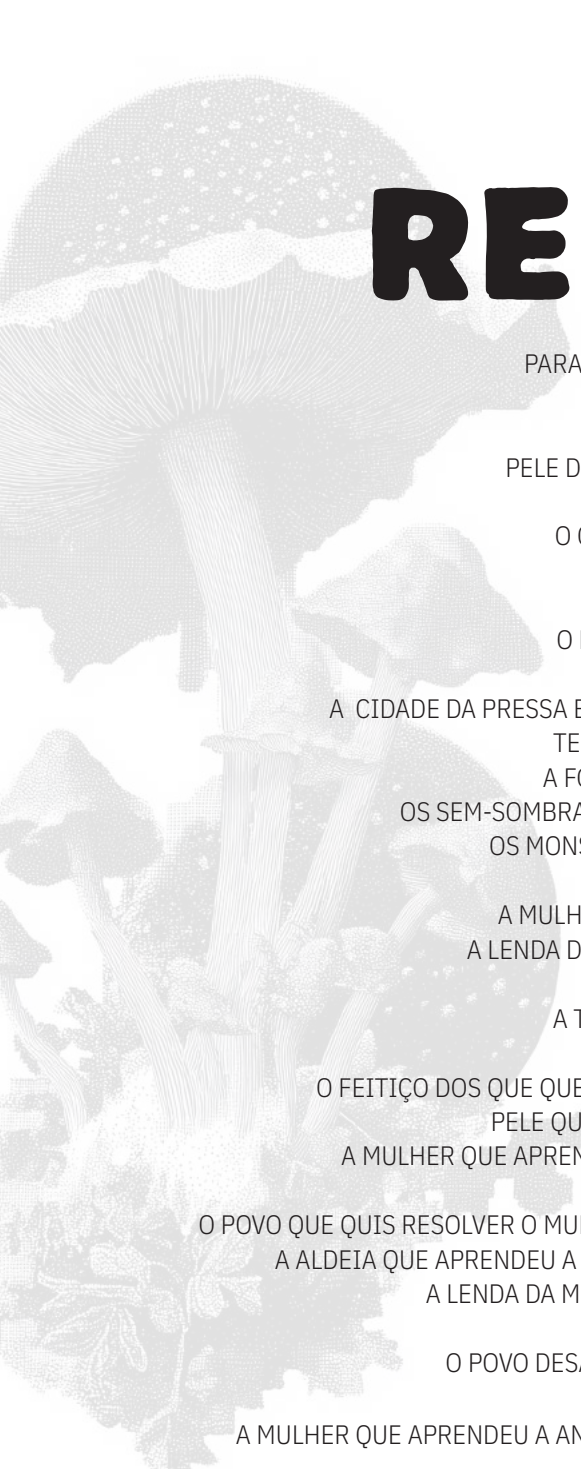
Texto e revisões: Sofia Batalha

Design e paginação do miolo e capa: Sofia Batalha

Outubro 2025

© 2025, Sofia Batalha - Todos os direitos reservados.

O conteúdo desta obra não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por processo electrónico ou mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio sem prévia autorização por escrito de Sofia Batalha.



REZOS

PARA QUEM ABRE ESTE LIVRO . 04
OS CESTOS . 06
DOIS SOPROS . 10
PELE DE LUAR & PELE DE BARRO . 14
TECER COM FIOS VIVOS . 18
O COLO SEMPRE FOI VERBO . 22
CONTOS MIGRANTES . 26
O MUNDO CANSADO . 30
O LAMENTO DA TERRA VIVA . 34
OS QUE-SABEM . 38
A CIDADE DA PRESSA E O CAMPO DO REGRESSO . 42
TEMOS DE IR PARA DENTRO . 46
A FOME QUE ANDA DE NOITE . 50
OS SEM-SOMBRA E A GENTE DE PLÁSTICO . 54
OS MONSTROS E AS SETE CHAVES . 58
O MANTO DAS CERTEZAS . 62
A MULHER DA SAUDADE QUE DÓI . 66
A LENDA DA FONTE QUE RESPIRAVA . 70
AS FILHAS DAS URSA . 74
A TORRE QUE SE FEZ TERRA . 78
FIADEIRAS DA SERRA . 82
O FEITIÇO DOS QUE QUERIAM FUGIR DA SOMBRA . 86
PELE QUE ARDE, VOLTA E ACALMA . 90
A MULHER QUE APRENDEU A ANDAR DESCALÇA . 94
AS CAPUCHAS DO VALE . 98
O POVO QUE QUIS RESOLVER O MUNDO E O MUNDO RIU-SE . 102
A ALDEIA QUE APRENDEU A CHORAR EM CONJUNTO . 106
A LENDA DA MULHER QUE VIA DEMAIS . 110
O FIM DA VELHA TERRA . 114
O POVO DESATADO E DESLEMBRADO . 118
APODRE-SER . 122
A MULHER QUE APRENDEU A ANDAR NO EMARANHADO . 126
REFERÊNCIAS . 130

SOFIA BATALHA

AQUI
ENCONTRAS
UM QR-CODE
PARA SABER
MAIS



**PARA
QUEM
ABRE ESTE
LIVRO**

Antes de entrar, deixa à porta o relógio e a pressa.
Este não é um livro de respostas, é uma teia de ecos.

*Aqui não se explica,
escuta-se.
Não se resolve, habita-se.*

O que encontrarás nestas páginas não são histórias fechadas, mas cestos abertos, onde cabem contradições, silêncios e raízes. Cestos feitos de fumo e de barro, de cinza e de água, de voz antiga e vento novo. Cada conto é um fio do mesmo tear: *um pensamento que não quer ser dono, uma narrativa que não anda em linha reta, mas em espiral, como o curso dos rios ou a respiração das montanhas.*

Lê devagar, pois escrevi para ecoar paradigmas, conceitos, ideias e práticas, que à primeira vista parecem enevoados às nossas cabeças modernas. Deixa que as palavras fermentem como pão ao sol. Há nelas luto e festa, há ferida e semente, há bicho, pedra, mulher, vento, fungo e gesto. *Nada aqui caminha sozinho.*

E quando fechores o livro, não o feches todo. Que alguma frase te fique presa na pele, alguma imagem te morda o pensamento, algum silêncio te ensine a ouvir de outro modo. Porque estas histórias não querem ser decoradas, querem ser praticadas. São convites ao parentesco, exercícios de escuta, rezas disfarçadas de narrativa. E se ao final sentires confusão, é bom sinal. A confusão é o começo do emaranhado e o emaranhado é o modo como a Terra pensa.

*Quem lê, entra.
Quem escuta, participa.
Quem se perde, encontra
caminho.*

Agora, acende o lume. Os cestos estão à tua espera.



OS CESTOS

Contam os antigos, os que falam com o lume e não com o relógio, que o mundo foi tecido antes das palavras, quando ainda não havia linha reta, nem cima nem baixo, só respiração e ritmo. Nesse tempo, tudo o que existia cabia dentro de cestos. Havia o Cesto de Fumo, o Cesto de Água, o Cesto de Cinza, o Cesto de Barro e o Cesto Invisível, tecido pelo vento.

*E dizem que cada cesto
guardava uma forma
de pensar, um modo de
sonhar o mundo.*

Mas não era pensamento de livro, era pensamento vivo, feito de gesto, de corpo e de relação. Era o saber das coisas que se sentem antes de se dizerem.

O CESTO DE FUMO

Era o cesto dos sonhos e das danças. Guardava o que passa e não se apanha, as vozes do fogo, o sopro das aves, os pensamentos sem dono. Quem olhasse o fumo com respeito via imagens a moverem-se, histórias que não cabem em papel. Diziam que este cesto ensinava a ver o invisível e a dar forma ao que ainda não nasceu.

O CESTO DE ÁGUA

Era o mais relacional de todos. Nada dentro dele ficava quieto: lá misturavam-se lágrimas e rios, respirações e marés. Era o cesto do parentesco, aquele que lembrava que tudo o que vive se toca. Quem nele bebesse aprendia a não se achar sozinho.

O CESTO DE CINZA

Guardava o que já foi lume, as memórias queimadas e os nomes que o tempo comeu. Era o cesto do luto

e da regeneração, pois tudo o que morre ali voltava a ser húmus. Diziam que só os que sabiam chorar com a terra podiam carregar o seu peso.

O CESTO DE BARRO

Pesado, sim, mas sábio como as entranhas do mundo. Ali moravam as contradições, o sim e o não, a luz e a sombra, o erro e o milagre. O barro falava com voz de mulher antiga: *“Não procures o fim, aprende o ciclo.”* E quem metesse as mãos nesse cesto ficava marcado de terra e de compreensão.

O CESTO INVISÍVEL

O mais misterioso de todos. Era tecido à noite pelo vento e pelas vozes do que não tem nome. Recolhia o que os outros deixavam cair: as dúvidas, as pausas, as risadas, os pedaços de silêncio. Diz-se que é o cesto do paradoxo, onde tudo se mistura e se entende sem precisar de se explicar.



Um dia, um homem quis pôr ordem nos cestos, empilhá-los em linha reta, fazer do fumo uma estrada, da água um espelho, da cinza um manual, e do barro um trono.

Mas o vento soprou e baralhou tudo. O homem, cansado, sentou-se e percebeu: os cestos não servem para conter, servem para relacionar.

*São modos de respirar
com o mundo, não de o
dominar.*

Dizem as velhas que, quando o coração anda seco de mistério, há que fazer o Ritual do Entrelaço:

- ‡ Acende lume e sopra-lhe uma pergunta.
- ‡ Põe uma tigela de água ao lado e escuta o reflexo.
- ‡ Passa os dedos na terra e diz baixinho: “Que o fumo me confunda, que a água me devolva, que a cinza me ensine, que o barro me refaça.”

Depois, espera o vento. Se ele levantar uma ponta do teu cabelo, é sinal de que o Cesto Invisível te ouviu.



E é assim que começam Os Cestos, as histórias que tecem o que não cabe em lógica, onde o fumo e a cinza se misturam com o barro e a água e o impossível respira devagar.

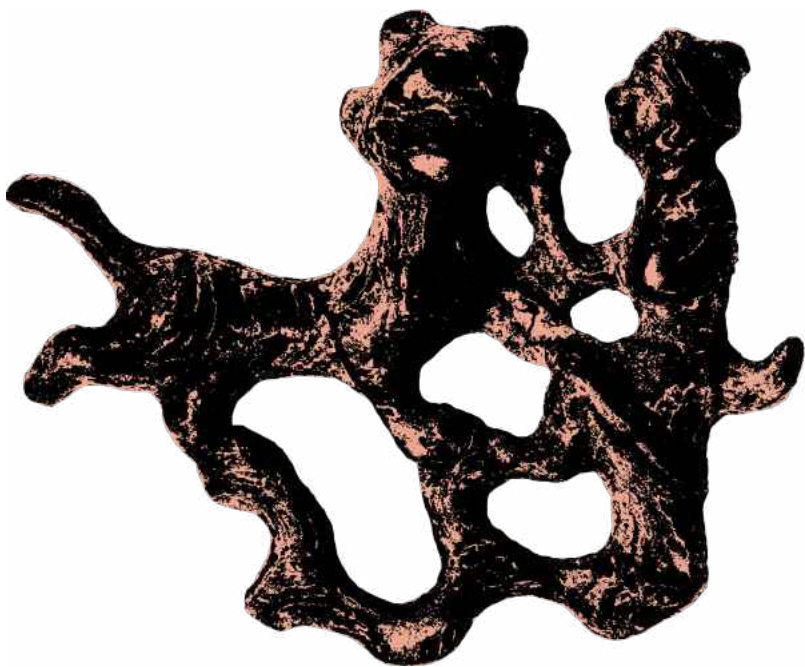
Histórias de cestos que não prometem saída, mas lembram que o viver é trama, que o paradoxo é chão fértil, e que o pensar, se for vivo, é sempre feito de mistura. Porque, como dizem as velhas ao lume, piscando o olho:

*“Quem só quer linha
direita, perde o milagre do
cesto.*

*Quem aprende o meandro,
encontra o mundo inteiro
lá dentro.”*

A partir daqui, seguem-se os contos, cada um nascido de um dos cestos, fumo, água, cinza, barro e vento, que juntos tecem o mapa vivo do mundo emaranhado.

SOFIA BATALHA



DOIS SOPROS

Pois então, o vento lá fora já anda a soprar nomes antigos, daqueles que não se dizem em vão. Este é o conto de dois modos de alma, duas danças do mesmo sopro. Uns dizem que são espíritos da terra e do ar, outros juram que vivem dentro de nós, escondidos entre os ossos.

*Mas o que é certo é que,
quando um se move, o
outro sente.*

O CHAMADO DOS DOIS SOPROS

Reza o povo que, no tempo em que o mundo ainda estava meio húmido de criação, nasceu um rumor duplo: um que descia pela raiz, outro que subia em bando.

O das raízes chamava-se Ser Teia e morava nas grutas, nos fios invisíveis que ligam tudo o que vive. Era paciente e fundo como inverno no ventre da terra. O outro, leve e errante, chamava-se Ser Enxame e fazia-se de vento, de murmúrios e de asas. Não tinha dono nem centro, movia-se pelo sentir do grupo, como cardume, como rumor, como trovão em flor.

Dizem as velhas que os dois eram amantes, mas nunca conseguiam tocar-se, um puxava para baixo, o outro para o alto e só quando o mundo adoecia é que se encontravam para curar o ar e o chão.

O TEMPO DA QUEBRA

Veio então o tempo da pressa e do corte, quando os homens ergueram muros entre si e a terra. De tanto quererem ser donos, deixaram de ouvir o rumor da teia e o zumbido do enxame. O Ser Teia foi sendo esquecido nas grutas, virou musgo, silêncio e fungo. E o Ser Enxame, sem o seu par, começou a enlouquecer, andando em círculos, perdido nos ruídos das cidades.

A terra começou a tossir poeira, os rios perderam o gosto e o ar ficou cheio de ecos sem corpo. As mulheres começaram a sonhar com fios que se partiam. Os homens, com bandos que se batiam uns nos outros.

Foi então que o Lobisomem do Luar e a Moura dos Penhascos, guardas das passagens entre o mundo visível e o de dentro, decidiram chamar o velho Curandeiro das Abelhas. Ele, que conhecia a língua das colmeias e o silêncio dos fungos, sabia o que era preciso: um ritual de reencantamento.



O Curandeiro mandou preparar sete mezinhas:

- ‡ barro fresco do fundo do poço,
- ‡ mel de urze,
- ‡ três cabelos de moura,
- ‡ asas de borboleta seca,
- ‡ um dente de lobo velho,
- ‡ vento guardado em garrafa,
- ‡ e uma palavra não dita há cem anos.

Ao luar, no cruzamento entre floresta e charneca, pôs tudo dentro de um alguidar de barro e murmurou: “Terra que prende. Ar que leva. Que o fio encontre o voo. E o voo encontre a seiva.”

Nesse instante, o chão começou a vibrar como tambor, e do meio da noite desceu o Ser Enxame, luzindo em mil pontos, como estrelas vivas. Do fundo da terra ergueu-se o Ser Teia, trazendo nos braços raízes e cogumelos a brilhar. Os dois olharam-se. E, ao primeiro toque, o tempo parou de andar em linha. O mundo respirou devagar outra vez.



O NOVO PACTO

Desde então, dizem que há dois modos de estar vivo: ser teia, quando escutas o chão, te lembrás, te enraizas; ser enxame, quando te moves com outros, por instinto e por amor.

*Os que sabem, ensinam
que o equilíbrio é andar
entre os dois: enraizar
sem endurecer, mover-se
sem fugir.*

E contam que, quando o corpo dói de solidão ou o coração se apressa demais, há uma mezinha simples para lembrar o pacto: misturar mel com terra e lambe um bocadinho, para o Enxame dentro de ti escutar o Teia que te sustém.

DESENCANTAR

Dizem as bruxas que, se fores ao campo nas noites de vento quente, verás o ar tremeluzir, são os Seres Enxame a dançar. E se meteres a mão na terra e ouvires um zumbido surdo, é o Ser Teia a responder.

Mas cuidado: quem escuta demasiado fundo, pode deixar de ser um só. Porque o segredo é este, ninguém é sozinho quando sente com o mundo.

E assim termina o conto do Ser Enxame e do Ser Teia, não com fim, mas com respiração. Pois ambos ainda vivem, um nas nossas veias, o outro nos ventos que atravessam o peito. E quem se lembrar deles em voz alta, que o faça com doçura e barro nas mãos.



Sofia Batalha é eco-mitóloga, escritora e facilitadora de processos de imaginação radical, escuta profunda e educação meta-relacional. Com uma formação transdisciplinar que atravessa a ecopsicologia, mitologia aplicada, psicologias indígenas e da libertação, o seu trabalho emerge como um gesto de cuidado radical num mundo ferido, um bordado entre o simbólico, o ecológico e o ancestral.

Sofia tem dedicado os últimos 25 anos à criação de espaços vivos para reatar a relação com o não-humano. É autora de diversos livros e ensaios, criadora de formações, rituais e publicações como os *Cadernos de Oikos-Psykhē*, *o Santuário ou os Contos da Serpente e da Lua*. Integrou o Advisory Board da Emergence Network e atualmente é colaboradora externa no Research Group: Socio-Ecological Transition no Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes. Pela Escola Transpessoal (EDT) criou o Curso de Ecopsicologia, desenvolvendo todo o currículo, abordagem pedagógica, conteúdo e manuais.

Entre pedagogias da Terra e imaginários míticos, Sofia cultiva uma ética indisciplinada de pertença e escuta, onde não há fórmulas para curar, mas uma teimosia amorosa em sustentar o inacabado, o paradoxal, o sagrado e o emaranhado.

Serpentedalua.com ou Insta: [@serpentedalua](https://www.instagram.com/serpentedalua)



As **Edições Corpo-Lugar** são um gesto editorial insurgente e sensível, enraizado na escuta do que pulsa nos interstícios da Terra viva, dos corpos em travessia e das palavras que não cabem em manuais.

Não publicamos para instruir ou conquistar, mas para cultivar livros rituais, como oferendas e sussurros que fermentam em compasso lento os colapsos e os cuidados que desafiam a lógica da modernidade.

Cada obra é um lugar de encontro entre mito e matéria, sombra e semente, silêncio e gesto. Convidamos-te a pousar em perguntas, descendo ao húmus e recordando que o lugar mais íntimo é também o mais coletivo, *o corpo como território e a palavra como travessia.*